



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Danitsa da Costa Lisbôa

**HABILIDADES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: uma revisão com enfoque
Cognitivo Comportamental**

Palmas – TO
2018

Danitsa da Costa Lisbôa

**HABILIDADES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: uma revisão com enfoque
Cognitivo Comportamental**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof.^a M.e. Izabela Almeida Querido.

Danitsa da Costa Lisbôa

HABILIDADES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: uma revisão com enfoque
Cognitivo Comportamental

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e
apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de bacharel em Psicologia pelo Centro
Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof.^a M.e. Izabela Almeida Querido.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora M.e. Izabela Almeida Querido
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.^a M.e. Ana Letícia Corve Odorizzi
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. M.e. Iran Johnathan Silva Souza Oliveira
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Dedico essa pesquisa aos meus filhos que embora não tenham consciência disso, foram os instigadores do desejo de conhecimento, decorrente dos encantos e desafios da maternidade, atrelados à promoção do desenvolvimento infantil saudável.

Dedico também aos meus pais por terem me passado valores fundamentais de vida que possibilitaram autonomia, serenidade e coragem para fazer escolhas, respeitando meu tempo, criando minhas próprias fases e principalmente, sendo feliz em cada uma!

Agradeço a meu esposo Flávio Dias Silva que de forma especial e carinhosa me deu força e apoio nos momentos difíceis durante a dupla jornada entre maternidade e vida acadêmica.

Finalizo com um agradecimento especial à minha Prof.^a Orientadora M.e. Izabela Almeida Querido por sua serenidade, paciência e apoio durante o processo de construção desta pesquisa. Sua postura foi modeladora e será sempre lembrada com muito carinho.

“Quando vejo uma criança ela inspira-me dois sentimentos: ternura pelo que é, e respeito pelo que pode vir a ser.” (LUIS PASTEUR, 1822/1895).

LISBÔA, Danitsa da Costa. **Habilidades Sociais e Desenvolvimento Infantil: uma revisão com enfoque Cognitivo Comportamental**. 2018. 47 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas /TO, 2018.

A presente pesquisa propôs uma revisão bibliográfica com metodologia sistemática cujo objetivo foi verificar a correlação entre habilidades sociais (HS) da criança, desenvolvimento infantil e possíveis psicopatologias. Percorre ainda fatores de risco e de proteção atrelados à socialização infantil, às práticas parentais e ao contexto de aprendizagem escolar que interfiram no desenvolvimento saudável da criança. Sabe-se que as HS constituem classes específicas de comportamentos aprendidos ao longo do desenvolvimento humano que, quando presentes no repertório do indivíduo, permitem um ajustamento criativo frente as demandas das situações interpessoais. Tais demandas, no contexto pós-moderno, devido as frequentes mudanças nas contingências sociais, tornam o aprendizado constante e necessário, garantindo assim, a manutenção de um repertório adequado de HS e consequente competência social. Em contraponto, salienta-se que déficits em HS em termos de empatia, expressão de sentimentos e resolução de problemas, com correlatos cognitivos e emocionais como baixa autoestima, crenças disfuncionais e impulsividade podem vir a comprometer fases posteriores do desenvolvimento, o que pode acarretar em problemas de comportamentos, seja por transtornos externalizantes (que se expressam em relação a outras pessoas) ou internalizantes (que se expressam em relação a própria pessoa). A análise da presente pesquisa obteve um resultado satisfatório ao confirmar na literatura existente presença de correlação significativa entre um bom repertório de HS na infância e fatores de proteção ao desenvolvimento saudável da criança. Assim como também reiterou a hipótese de que déficits em HS podem levar à desdobramentos carregados de sofrimento mental em fases subsequentes.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento da criança, habilidades sociais, competência social, terapia cognitivo-comportamental.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Combinações de descritores na base de dados SCIELO.	37
Tabela 2 - Combinações de descritores na base de dados <i>PSYCINFO</i>	38
Tabela 3 - Subclassificação temática dos resultados encontrados na plataforma <i>BVS-PSI</i>	38
Tabela 4 - Subclassificação temática dos resultados encontrados na plataforma <i>PSYCINFO</i>	39
Tabela 5 - Índice anual das publicações selecionadas na <i>BVS-PSI</i>	40
Tabela 6 - Índice anual de publicações selecionadas na <i>PSYCINFO</i>	40
Tabela 7 - Região e/ou país de origem das publicações selecionadas na <i>BVS-PSI</i>	41
Tabela 8 - Região e/ou país de origem das publicações da <i>PSYCINFO</i>	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Comparação dos índices de depressão, estresse e habilidades sociais entre famílias com índice de estilo parental positivo e negativo.....	20
Figura 2 - Classes e Subclasses de habilidades propostas como relevantes na infância.....	22
Figura 3 - Resultado de parte do processo de seleção dos artigos.....	33

LISTA DE ABREVIACÕES

CS – Competência Social

HS – Habilidades Sociais

OMS- Organização Mundial de Saúde

TCC – Terapia Cognitivo Comportamental

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DESENVOLVIMENTO	16
2.1 HABILIDADES SOCIAIS.....	16
2.2 CONCEITUAÇÃO DO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA.....	17
2.3 HABILIDADES SOCIAIS COMO FATOR DE PROTEÇÃO NA TRAJETÓRIA DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	19
2.4 IDENTIFICAÇÃO DE HABILIDADES RELEVANTES PARA CRIANÇAS.....	21
2.5 DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	24
2.6 BENEFÍCIOS ADVINDOS COM O DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DA CRIANÇA.....	26
2.7 FATORES DE RISCO ATRELADOS À SOCIALIZAÇÃO QUE PREJUDICAM O DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	27
2.8 MEIOS DE PROMOÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA.....	30
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Vivemos imersos em um contexto sociocultural que estabelece um padrão de interação dinâmico, multicultural e virtual, onde exige-se até mesmo das crianças adaptações e aprendizagem rápida. Percebe-se um crescente distanciamento e fragmentação das relações pessoais já nas primeiras fases do desenvolvimento infantil, onde crianças ficam expostas à tecnologia de forma excessiva através de *tablets* e celulares. A virtualidade criou uma lógica cultural mais transitória e indiferente. O tempo de convivência familiar, de troca de afeto e contato social está sendo substituído por um contato virtual que estimula o isolamento e prejudica o desenvolvimento socioemocional da criança.

Estudos feitos pelo Ministério da Saúde Brasileiro em 2005, mostram que a prevalência de transtornos mentais na infância está aumentando consideravelmente, estimam que de 10 a 20% da população de crianças e adolescentes sofram de transtornos mentais. Desse total, de 3% a 4% necessitam de tratamento intensivo. Entre os transtornos mais frequentes estão a deficiência mental, o autismo, a psicose infantil, e transtornos de ansiedade. Observa-se também, aumento da ocorrência do uso de substâncias psicoativas e o crescente índice de depressão com tentativa de suicídio entre adolescentes. Sabe-se que entre os possíveis fatores associados a transtornos mentais na infância estão: fatores biológicos como anormalidades no sistema nervoso central causadas por lesões, infecções, desnutrição, etc; fatores genéticos relacionados ao histórico familiar de transtornos mentais; fatores psicossociais relacionados a disfunções na vida familiar e situações estressantes; fatores ambientais como problemas atrelados a violência e abuso na comunidade de inserção (BRASIL, 2005; CAVALCANTE; LOVISI; THIENGO, 2014).

Entre os fatores de maior influência para o desenvolvimento saudável durante a infância está a qualidade da interação familiar. Sabe-se que o estilo parental e o sistema de valores culturais são fatores que definem o que é desejado pelos pais e a forma como irão fixar tais valores e regras em seus filhos. As diferenças no contexto familiar de constituição, estrutura e relacionamentos influenciam todos os membros da família e interferem nos problemas de comportamento e atitudes das crianças (CASSONI, 1989).

Essa dinâmica social atual pode, por vezes, parecer confusa para a criança e exigir uma maior rapidez no processo de compreensão dos valores e normas que regulam o funcionamento da vida em sociedade. Acarretando assim a exigência de uma competência social que nem sempre é alcançada a tempo e a hora pela criança.

Sabe-se que é a partir da interação familiar que a criança adquire habilidades básicas para entendimento do contexto social, sendo que o conjunto de estratégias utilizadas pelos pais, com o intuito de educar, define-se como práticas parentais. Estilo parental seria exatamente o resultado dessa prática educativa que se definirá como sendo positivo ou negativo. No modelo teórico de Estilo Parental percebe-se que algumas práticas educativas como: negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsciente e monitoria negativa, estão associadas à comportamentos antissociais ao longo do desenvolvimento infantil. Já práticas educativas como monitoria positiva (envolvendo atenção adequada, estabelecimento de regras, afeto seguro e supervisão contínua) e comportamento moral (empatia, senso de justiça, reponsabilidade, trabalho e generosidade) estão associadas não só a comportamentos pró-sociais, mas também favorecem o desenvolvimento infantil saudável (GOMIDE, 2006).

Um repertório elaborado de habilidades sociais, permite que a criança adquira uma perspectiva positiva de desenvolvimento, pois ganha competência acadêmica, reduz problemas comportamentais e favorece o funcionamento adaptativo em todas as fases do desenvolvimento. A criança socialmente hábil, possivelmente estará mais preparada para lidar com situações adversas e estressantes; um olhar atento a isso, durante o desenvolvimento infantil, pode ser meio de promoção de qualidade de vida (bem-estar físico, social e emocional) e prevenção de doenças, pois entre os fatores desencadeantes dos transtornos mentais, encontram-se justamente as dificuldades interpessoais. Dificuldades essas que se caracterizam pela falta de empatia, dificuldade na expressão de sentimentos e resolução de problemas; com correlatos cognitivos e emocionais como baixa autoestima, crenças disfuncionais, impulsividade e temperamento difícil. (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005).

A motivação para estudo deste tema surgiu da observação de experiências familiares com ajustamento criativo frente à atual demanda social frenética e globalizada. Logo, a presente pesquisa se justifica no fomento da promoção de saúde e prevenção de doenças, com base no desenvolvimento de habilidades sociais durante a infância. O foco no desenvolvimento de competências enquanto promoção de características individuais positivas e adaptativas configura promoção de resiliência e por consequência, saúde psicológica (RODRIGUES, 2004). Neste contexto entende-se por promoção de saúde a educação através de estratégias de prevenção primária em saúde mental, onde o objetivo seja maximizar o repertório de competências individuais e interpessoais de crianças e jovens (RODRIGUES; ITABORAHY; PEREIRA; GONÇALVES, 2008).

Junior e Guzzo (2005), destacam duas estratégias de prevenção de saúde mental, uma que visa evitar as desordens psicológicas por meio da neutralização e identificação de fatores de risco e outra que visa potencializar competências e bem-estar. Da mesma forma Murta (2007), refere que intervenções primárias em saúde mental visam reduzir futuros problemas de ajustamento; desenvolver habilidades sociais e práticas educativas parentais saudáveis.

Dentro desta perspectiva a OMS (1997) propôs a realização de programas com o intuito de favorecer o desenvolvimento de competências atreladas a aspectos afetivos, cognitivos e sociais que influenciam o comportamento humano. O objetivo é justamente promoção de saúde através intervenções pautadas em habilidade de vida. Uma vez que o desenvolvimento de competências em crianças e adolescentes como fator de proteção vincula-se à uma adaptação social mais saudável e à capacidade para aquisição de características importantes para o desenvolvimento (CUNHA; RODRIGUES, 2010). Evitam-se assim, problemas comportamentais e suas consequências como baixa autoestima, rejeições pelos pares, relacionamentos pobres e até mesmo comportamentos antissociais. A criança socialmente hábil, possivelmente terá um bom ajustamento criativo em todas as fases de seu desenvolvimento.

Propõem-se aqui, um estudo de revisão bibliográfica com metodologia sistemática para verificar a correlação entre habilidades sociais da criança, desenvolvimento infantil e possíveis psicopatologias; percorrendo fatores de risco e de proteção atrelados à socialização infantil, às práticas parentais e ao contexto de aprendizagem escolar que interfiram no desenvolvimento saudável da criança. Salienta-se que não se pretende investigar causas da psicopatologia infantil e sim analisar publicações atualizadas a respeito dessa correlação, dando ênfase aos fatores de proteção atrelados as habilidades sociais e desenvolvimento saudável da criança.

A pesquisa foi desenvolvida através das bases de dados *Scientific Electronic Libraly Online Psycinfo, Scielo e BVS-Psi*. Tendo como descritores: Habilidades Sociais/Competência Social; Desenvolvimento Infantil/Desenvolvimento da Criança e Terapia Cognitivo-Comportamental. Foram selecionadas publicações dos últimos cinco anos com acesso livre (de 2013 a 2018), incluindo os meses janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho e agosto de 2018. Como critérios de inclusão tivemos, artigos publicados em português, referentes à estudos de revisão ou relato de pesquisa em avaliações de HS durante a infância. Já como critérios de exclusão tivemos, artigos não disponibilizados na íntegra e artigos relacionados exclusivamente à adolescente, adultos ou idosos. Todo o processo teve duração de aproximadamente 11 meses, pois iniciou-se junto à disciplina de TCC I, em janeiro de

2018 e foi finalizado com a disciplina de TCC II em novembro de 2018. Por se tratar de um estudo de revisão sistemática da literatura, não prevê manejo direto das variáveis não oferecendo, portanto, riscos ao objeto de estudo ou a seres humanos.

Os desfechos estão divididos em Primário e Secundário e têm como finalidade, demonstrar as possibilidades de resultados da pesquisa. Sendo que entre os desfechos primários encontra-se a possibilidade de demonstrar que o desenvolvimento de habilidades sociais na infância atua na prevenção de problemas infantis como baixo desempenho escolar, problemas de comportamento e baixa autoestima. Já como desfecho indireto acredita-se que será possível explicitar que o desenvolvimento adequado de um repertório de habilidades sociais durante a infância permite o ajustamento criativo e enfrentamento positivo em outras etapas de vida, evitando-se assim desdobramentos decorrentes da inabilidade social como problemas conjugais, condutas antissociais e possíveis psicopatologias.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 HABILIDADES SOCIAIS

Definir Habilidades Sociais (HS) exige uma avaliação global, considerando variáveis culturais, situacionais, aspectos referentes à faixa etária do indivíduo e até mesmo padrões socioeconômicos. Ao falar em HS, primeiro precisa-se entender o conceito de “comportamento socialmente hábil”, ou seja, o conjunto de comportamentos emitidos pelo indivíduo que expresse sentimentos, desejos e opiniões de modo adequado à situação e de forma respeitosa, dentro de um contexto de interação pessoal resolutive. Segundo ele, é necessário não só avaliar os fatores que influenciam no comportamento do indivíduo, mas também avaliar a qualidade/eficiência das HS do indivíduo em sua interação com outras pessoas (CABALLO, 2003).

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), o termo Habilidades Sociais pode ser aplicado às diferentes classes de comportamentos sociais, desde que contribuam para o estabelecimento da competência social do indivíduo. Percebe-se a necessidade de diferenciação entre os termos Habilidade e Competência Social (CS). O autor argumenta que HS seria todo repertório comportamental que o indivíduo dispõe num dado momento. Já a CS, seria justamente a eficiência alcançada ao fazer uso de seu repertório comportamental nas interações pessoais. Logo, para avaliar a CS, leva-se em consideração a capacidade do indivíduo ao articular pensamentos, sentimentos e ações, em função de seus objetivos pessoais, demandas situacionais e resultados obtidos na interação social. Da mesma forma, Cecconello e Koller (2003), definem (CS) através de aspectos individuais e sociais do funcionamento humano, pautando-se na forma de interação, resolução de problemas e sentido de auto realização; enfatizando a capacidade do sujeito em adquirir boas estratégias de enfrentamento.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1997, estabeleceu um modelo de habilidades de vida pautado em competências psicossociais necessárias ao desenvolvimento saudável da criança. Percebe-se que as habilidades sociais referenciadas por Caballo (2003) e Del Prette e Del Prette (2005), maiores percursoras do campo teórico, em muito se assemelham com as habilidades de vida, pois promovem a reflexão, o autoconhecimento, o relacionamento interpessoal e a capacidade de resolução de problemas.

Para analisar a funcionalidade do desempenho social, Del Prette e Del Prette (2005), baseiam-se em três tipos gerais de resultados: alcançar os objetivos imediatos, manter ou melhorar a qualidade dos relacionamentos e manter a autoestima. O autor, salienta também, a importância de avaliar a coerência na funcionalidade do desempenho social, pois os fins não justificam os meios. Comportamentos geralmente percebidos na interação infantil como manipulativos ou coercitivos como, por exemplo, fazer birra ou chantagear no intuito de obter o que se deseja, podem ter efeito imediato positivo. No entanto, a médio e longo prazo, a qualidade da relação interpessoal poderá ficar comprometida, pois interfere negativamente nas trocas de afeto e na autoestima, podendo também aumentar a ansiedade e irritação.

A avaliação do desempenho socialmente competente, segundo Del Prette e Del Prette (2005), define características comportamentais que facilitam a identificação de três estilos de interação social: 1)reações não habilidosas passivas - comportamento comprometido devido, ansiedade, esquivas, fuga ou incômodo ao lidar com demanda interativa do seu ambiente; 2)reações habilidosas - seriam os comportamentos adequados e coerentes às demandas do ambiente, tendo consequências positivas; 3)reações não habilidosas - seriam os comportamentos que expressam predominantemente agressividade física ou verbal, negativismo, ironia, autoritarismo ou coerção. Porém, os autores salientam que o desempenho social do indivíduo não é decorrente de características pessoais estáveis e sim de condições do ambiente, associadas as experiências formais e informais de aprendizagem, logo tem caráter situacional e pode ser facilmente modificável.

2.2 CONCEITUAÇÃO DO CAMPO DAS HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA:

Entre as características específicas de um desempenho social competente, encontramos fatores pessoais (objetivos e sentimentos), situacionais (contingências ambientais) e culturais com valores e normas instituídos para o estabelecimento de padrões comportamentais valorizados ou reprovados. Cabe a criança aprender os desempenhos socialmente esperados e valorizados para seu sexo, idade e papel situacional que ocupa na interação familiar e escolar. Neste contexto, o comportamento de seguir regras e normas adquire um valor reforçador na história de vida da criança mesmo quando não há uma identificação consciente ou explícita, pois, isso já faz parte do processo de aprendizagem social. Logo, faz-se necessário que já durante a infância adquira-se coerência entre os processos de pensamentos, sentimentos e comportamento (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005).

Um aspecto importante citado por Cunha e Rodrigues (2010), sobre a funcionalidade do desempenho infantil, é a correlação estabelecida entre competência individual e capacidade de resiliência; A criança que desenvolve resiliência adquire alternativas para manejar recursos pessoais e contextuais, podendo assim ajustar-se adequadamente nos processos de enfrentamento, superação de crises e adversidades. Segundo o autor, a resiliência seria o resultado da combinação de três fatores: fator de proteção individual (autoestima, autonomia, temperamento afetuoso e flexível, entre outros), fator familiar (respeito e apoio, coesão e estabilidade) e fatores relacionados ao apoio do meio ambiente (segurança e referência de apego). Já competência individual seria um conjunto de habilidades que contemplam aspectos afetivos, cognitivos e sociais que favorece a coerência e funcionalidade do desempenho social infantil. Assim criam-se meios de reduzir o impacto e reações negativas decorrentes de exposições a riscos; ampliam-se as possibilidades de reverter possíveis efeitos do estresse, manter a autoestima e o senso de auto eficácia.

No campo das HS na infância, a capacidade de comunicação verbal e não verbal adquirem um importante papel no desempenho social. Durante a sequência de desenvolvimento das habilidades comunicativas o domínio crescente e gradual da comunicação verbal se soma ao desenvolvimento cognitivo/ afetivo e garante novas condições para compreensões mais amplas e precisas sobre seu ambiente social. A frequência e variabilidade da comunicação não-verbal é maior na infância, devido não só a limitação de vocabulário, mas também pela espontaneidade das reações da criança quando comparada ao adulto. Entre essa variabilidade, encontra-se a comunicação das emoções, comportamento este, indispensável no que se refere à HS, pois existem sentimentos difíceis de serem traduzidos em palavras, os sinais não verbais também ganham a função de regular a interação (CABALO, 2003).

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), os dois aspectos paralinguísticos mais importantes na análise da competência social seriam: a alternância entre falar e ouvir que ocorre geralmente devido as pausas maiores ou expressões faciais; e a regulação da forma da fala, ou seja, o uso proposital da velocidade e volume da fala. Entre os componentes do padrão de comportamento não verbal encontra-se: o olhar e contato visual; sorriso; gestualidade; movimentos de cabeça e postura. A regulação destes componentes é essencial na avaliação de competência social, pois o excesso ou falta pode representar ineficiência, dependendo da subcultura local.

2.3 HABILIDADES SOCIAIS COMO FATOR DE PROTEÇÃO NA TRAJETÓRIA DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL.

O campo das HS ganha maior importância durante a infância, pois a socialização é uma das mais importantes tarefas do desenvolvimento inicial da criança. O refinamento do repertório social através do desenvolvimento gradual de habilidades sociocognitivas possibilita a criança maior capacidade empática, autoconhecimento e autoregulação, maior capacidade em resolução de problemas e redução de comportamentos desadaptativos. Promover atitudes de observação, análise e avaliação das possíveis consequências antes de emitir uma resposta comportamental é tarefa indispensável na promoção do ajustamento social infantil; permite a assimilação de valores e normas que regem o funcionamento da vida em sociedade (CORREIA; *et al*, 2015).

Como fator de proteção para uma trajetória de desenvolvimento infantil satisfatória, Petersen e Wainer (2011), salientam que as habilidades sociais atuam não só como meio de prevenção de problemas durante a infância (desempenho escolar e problemas comportamentais) como também evitam possíveis desdobramentos na idade adulta, entre eles depressão e problemas conjugais.

A aprendizagem de comportamentos sociais é de fundamental importância não só na trajetória do desenvolvimento infantil, mas em todas as etapas da vida pois é um processo contínuo de aprendizagem onde dificuldades ocasionais ou déficits podem ser superados em momentos subsequentes de maior qualificação. Sabe-se que fatores constitucionais inatos como temperamento e capacidade sensorial influenciam as interações iniciais da criança e promovem as diferenças interpessoais. Porém, é inquestionável o papel das experiências de aprendizagem, independente de planejamento, na terminação do estilo interpessoal que a criança irá desenvolver (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

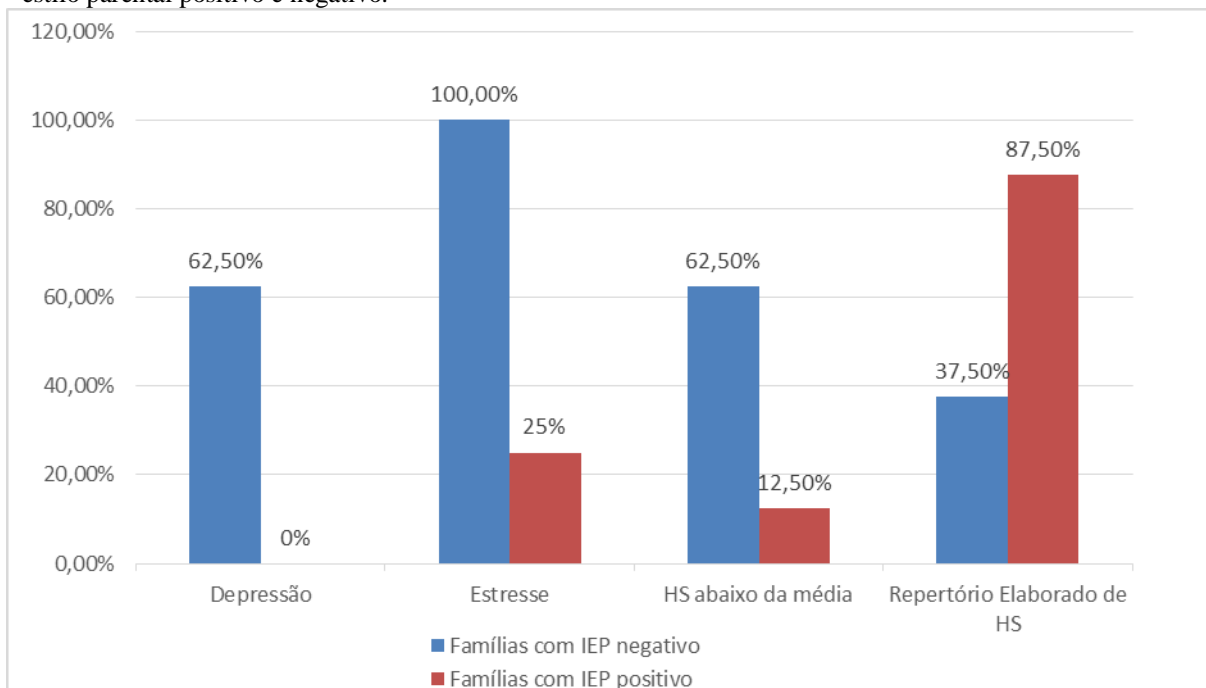
A base da estimulação de padrões de relacionamentos e competência social ocorre inicialmente no contexto familiar, segundo Del Prette e Del Prette (2005), onde os pais ou responsáveis fazem uso de três alternativas de promoção: estabelecimento de regras, por meio de orientações, instruções e advertências; manejo de consequências, por meio de recompensas e punições; e oferecimento de modelos. Quando os pais não apresentam um repertório adequado de habilidades sociais, a convivência familiar pode ser a fonte dos problemas e dificuldades de adaptação social das crianças. A explicação estaria no processo de modelação pelo qual as crianças estariam submetidas, pois pais muito ansiosos ou irritadiços podem transmitir essa forma de se comportar para os filhos. Outro exemplo, seria pais contraditórios

entre o falar e agir, dificultando a discriminação, pela criança, da importância das regras sociais.

Entre os fatores de proteção para uma trajetória de desenvolvimento infantil saudável, salienta-se o Estilo Parental, ou seja, o conjunto de práticas educativas parentais utilizadas com o intuito de educar, socializar e controlar o comportamento de seus filhos. O modelo teórico pautado no Estilo Parental preconiza que algumas estratégias educativas utilizadas pelos pais como: negligência, abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsciente e monitoria negativa, são mais suscetíveis ao desenvolvimento de condutas antissociais nos filhos. Já práticas educativas pautadas na monitoria positiva (atenção adequada, estabelecimento de regras, afeto seguro e acompanhamento contínuo) associado ao comportamento moral (desenvolvimento de virtudes como empatia, senso de justiça, responsabilidade, trabalho e generosidade) estabelecem comportamentos pró sociais; Ampliam as potencialidades dos filhos e oportunizam relacionamentos harmoniosos e efetivos no ambiente familiar interacionista e bidirecional (GOMIDE, 2006).

Estudos mostram correlação direta entre estilo parental positivo, filhos com repertório de HS elaborado e ausência de depressão entre os membros do grupo familiar; Da mesma forma que famílias com práticas parentais negativas apresentam HS rebaixadas e índices de estresse e depressão elevados, conforme mostra figura a baixo (GOMIDE, 2006).

Figura 1 - Comparação dos índices de depressão, estresse e habilidades sociais entre famílias com índice de estilo parental positivo e negativo.



Fonte: Gomide (2006).

Quando o papel dos pais for considerado satisfatório durante momentos críticos da trajetória de desenvolvimento infantil como o desmame, a aquisição da fala, entrada na escola e início da adolescência, entre outros, percebe-se uma influência positiva para o desenvolvimento saudável da criança em todas as áreas, principalmente no que se refere as relações interpessoais. Entre as práticas educativas parentais consideradas favoráveis, o autor inclui, a monitoria positiva ou “liberdade vigiada”, ou seja, a supervisão dos pais sobre o que a criança faz ou deixa de fazer; e o comportamento moral, onde ocorre o ensino dos valores e normas de forma clara (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005).

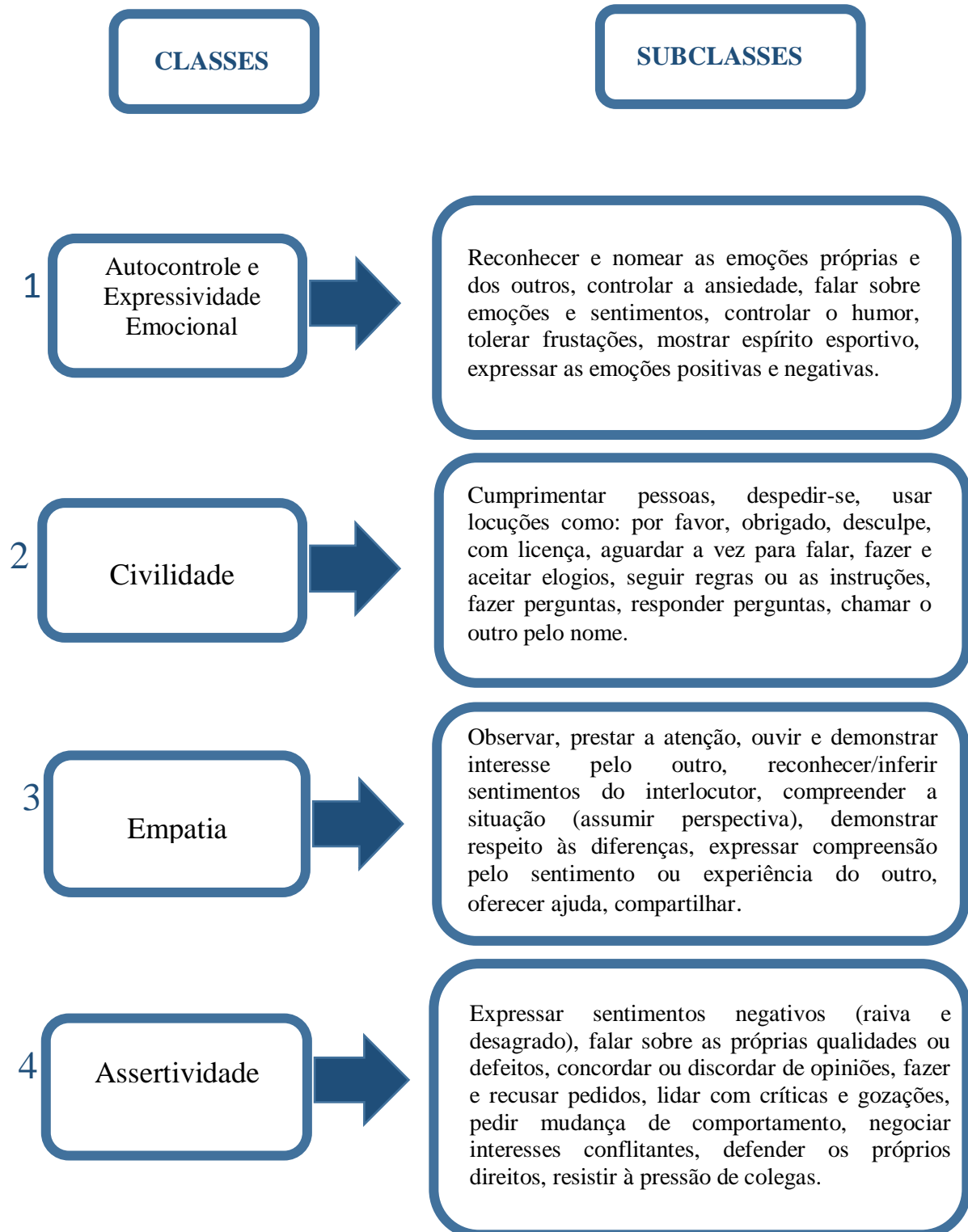
O segundo contexto da trajetória infantil onde há aquisição de HS é o ambiente escolar. Esse espaço é essencialmente interativo e importante para o desenvolvimento interpessoal da criança, pois permite não só a diversidade de interlocutores e o estabelecimento de relações de companheirismo, mas também a necessidade de adaptação da criança à novas regras escolares e expectativas acadêmicas. A ampliação do repertório e diversidade de demandas exigidas a partir da inserção escolar contribui para que a criança comece a estabelecer relações harmoniosas com colegas e adultos, adquira responsabilidade, cooperação e independência. No contexto escolar as HS são reconhecidas como facilitadores acadêmicos, devido ao impacto no rendimento do aluno. Crianças com habilidades mais elaboradas conseguem ter uma participação mais efetiva e harmoniosa em sala de aula, pois solicitam informações e expõem suas dúvidas, evitando assim alguns problemas de aprendizagem (PETERSEN; WAINER, 2011).

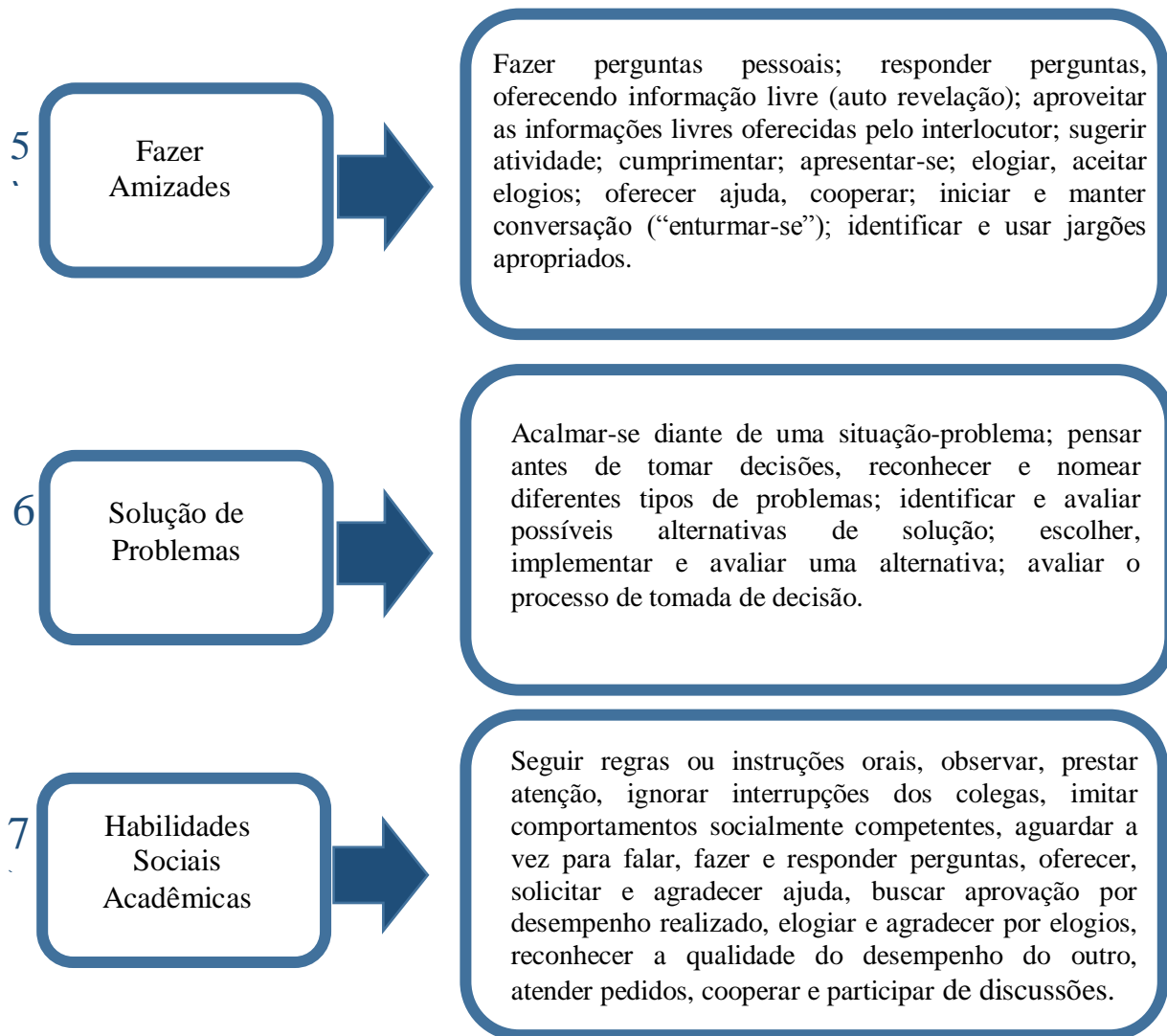
2.4 IDENTIFICAÇÃO DE HABILIDADES RELEVANTES PARA CRIANÇAS

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), a tentativa de especificar as HS relevantes para a competência social da criança remete ao final dos anos 70, através de classificações com base em estudos observacionais realizados principalmente no contexto escolar. Atualmente, são identificadas sete classes de HS consideradas indispensáveis para o funcionamento adaptativo da criança, embora a análise do repertório social, na infância, ainda seja bastante escassa em nosso país.

Por tratar-se de um sistema de classificação que envolve o contexto cultural-situacional, os autores Del Prette e Del Prette (2005), afirmam que os componentes dessa classificação são bastante variados e incluem algumas subclasses que por vezes sofrem sobreposições ou complementariedade entre si. A figura a seguir, exemplifica a classificação com suas subdivisões.

Figura 2 - Classes e Subclasses de habilidades propostas como relevantes na infância.





Fonte: Adaptado pelo autor de Del Prette e Del Prette (2005)

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), as sete classes de habilidades contemplam as principais demandas interpessoais da infância, são interdependentes e complementares para um comportamento socialmente competente. Segundo ele, os pais empenham-se no ensino de habilidades de empatia, civilidade, autocontrole, fazer amizades e sociais acadêmicas, porém investem pouco no ensino de habilidades de solução de problemas e assertividade. O autor salienta ainda a importância de um repertório social elaborado para uma efetiva competência social como fator protetor do desenvolvimento socioemocional e ajustamento social da criança.

2.5 DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O tema desenvolvimento infantil abre um leque de possibilidades teórico-científicas que fundamentam um processo de transformação qualitativa e gradual que propicia um aumento global no grau de complexidade, seja no âmbito mental ou orgânico. Entre os fatores interligados que afetam todos os aspectos do desenvolvimento humano tem-se: hereditariedade (com sua carga genética estabelecendo o potencial do indivíduo, que pode ou não desenvolver-se); crescimento orgânico (com suas possibilidades advindas do aspecto físico, como aumento de altura e estabilização do esqueleto); maturação neurofisiológica (tornando possível outros padrões de comportamentos como alfabetização, etc); meio (conjunto de influências e estimulações ambientais alterando padrões de comportamentos) (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2005).

Para esses mesmos autores, Bock; Furtado; Teixeira (2005), todas as teorias do desenvolvimento humano partem do entendimento de quatro aspectos básicos e indissociáveis: 1) aspecto físico-motor – refere-se ao crescimento orgânico e maturação neurofisiológica; 2) aspecto intelectual – capacidade de pensamento e de raciocínio; 3) aspecto afetivo-emocional – modo particular de sentir e integrar suas experiências; 4) aspecto social – maneira de reagir diante de situações que envolvam outras pessoas. Mesmo que uma teoria dê ênfase a um aspecto específico, parte-se do pressuposto de um entendimento global sobre o desenvolvimento humano.

A teoria do apego desenvolvida pelo psicanalista John Bowlby, por volta de 1950, estabelece a importância da interação humana entre mãe – filho como base segura na promoção do desenvolvimento infantil. Para Bowlby (1982) faz-se necessário uma interação onde o grau de apego estabelecido entre a criança e seu cuidador permita um relacionamento contínuo e íntimo capaz de fornecer segurança e proteção para a criança. Trata-se de um processo onde a criança se vincula instintivamente a seu cuidador como forma de sobrevivência, pois seu desenvolvimento físico, social e emocional estará atrelado a essa interação. A principal consequência da falta de apego é o comprometimento da autonomia da criança, pois percebe-se insegurança e medo no seu processo de desenvolvimento.

Dentre os aspectos atrelados ao desenvolvimento mental da criança encontram-se três teorias psicológicas que fundamentam as bases epistemológicas do processo de desenvolvimento decorrente da aquisição de conhecimento. Romantismo-maturacionismo, com suas raízes nos escritos de Jean-Jaques Rousseau, pautado no conceito maturacionista de desenvolvimento, onde o processo é considerado secundário, pois as experiências e o meio

ambiente não terão maiores efeitos sob as características da criança uma vez que os estágios são considerados desdobramentos geneticamente predeterminados e naturais do desenvolvimento humano. Entre os principais maturacionistas encontram-se Freud e Montessori. Já a segunda corrente, chamada Behaviorismo, aborda o desenvolvimento como decorrente de um processo de transmissão cultural direta, onde o ambiente é considerado o responsável pelo desenvolvimento; tendo suas raízes em Pavlov, Watson, Thorndike e Skinner. O modelo behaviorista sugere que o desenvolvimento mental da criança, bem como os valores morais e das emoções, são resultado de associações adquiridas sob o controle do meio, através de reforçamentos (WADSWORTH, 1997).

Como última concepção sobre o processo aprendizagem e desenvolvimento temos o Progressivismo-Desenvolvimento cognitivo, onde tanto a maturação quanto o meio são fatores centrais. Nessa abordagem o desenvolvimento mental da criança é visto como o produto da interação do organismo com o meio, sendo a motivação para a aprendizagem fundamentalmente interna, onde a criança é o agente explorador / ativo de seu próprio desenvolvimento. Entre os principais fundamentalistas dessa abordagem temos: Platão, Werner, Vygotsky e Piaget (WADSWORTH, 1997).

Entre os grandes teóricos do desenvolvimento humano, vale dar segmento em Piaget e Vygotsky, pois segundo Wadsworth (1997), ambos se detiveram ao estudo desse processo de construção ativo onde a aprendizagem e o desenvolvimento são autorregulados.

Piaget (1999), refere-se ao desenvolvimento mental como um processo de equilibração progressiva onde fatores sociais provocam a desequilibração individual através do conflito cognitivo, sinalizando assim, que há a necessidade de reconstrução do conhecimento anterior. O desenvolvimento permite a passagem de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior. O sujeito passa da instabilidade e incoerência pertinentes ao mundo infantil para a sistematização de raciocínio da idade adulta. O autor interessava-se em desvendar a formação dos mecanismos mentais na criança, em descobrir como o conhecimento é construído na mente do indivíduo “*teoria da invenção*”; considerava que tal processo de desenvolvimento poderia ser dividido em fases ou períodos de acordo com que o indivíduo consegue fazer em sua faixa etária. Primeiro período: Sensório – motor, onde a criança conhece o mundo pela manipulação (0 a 2 anos) onde a forma de raciocínio caracteriza-se pelo pensamento prático; segundo período: pré-operatório, onde o aparecimento da linguagem acarreta modificações intelectuais, afetivas e sociais na criança (2 a 7 anos) iniciando um nível representativo de pensamento; terceiro período: operações concretas, onde a capacidade de reflexão promove a autonomia da criança (7 a 11 anos) já constrói um lógica

de pensamento concreto onde correlaciona dados e cria teorias sobre assuntos que estejam dentro de seu conhecimento perceptivo; e quarto período: operações formais permitindo a ampliação do pensamento para o plano da abstração (11 anos em diante) onde já adquire pensamento científico, ou seja, capacidade de criar hipóteses e investigar as possíveis consequências hipotéticas.

Já Vygotsky (2010), ao criar a teoria histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores considera que o ser humano se caracteriza por uma sociabilidade primária. Trata-se da “*teoria interacionista da transmissão*”, onde a aprendizagem é a força propulsora do desenvolvimento intelectual. Através da modelação do conhecimento e a interação social, a criança consegue aprender coisas que, sozinha não aprenderia. Nessa perspectiva, o desenvolvimento é um processo alicerçado sobre o plano das interações e mediado por fatores sociais. Assim, relações sociais seriam constitutivas das funções psicológicas, pois estas emergem e se consolidam no plano das ações entre pessoas e tornam-se internalizadas; ou seja, surgem no plano Inter psíquico, transformam-se e passam para o plano intrapsíquico.

Percebe-se que tanto para Piaget, como para Vygotsky, ainda que por razões diferentes, a interação social tem um papel importante no processo de desenvolvimento humano; para Piaget, a interação com colegas, as críticas e discussões sociais são as fontes de desequilíbrio necessário, tendo papel construtivista; já para Vygotsky, a interação social é a fonte de modelo para as construções infantis e o consequente desenvolvimento, revelando assim, uma perspectiva interacionista (WADSWORTH, 1997).

De modo abrangente quando se propõem a avaliar o desenvolvimento infantil, é necessário definir quais tarefas dentro do processo de desenvolvimento humano se exige na infância. Entre tais tarefas temos: controle dos esfíncteres, obtenham habilidades de autocontrole, desenvolvam positividade, capacidade de auto avaliação e que aprendam a conduzir a comunicação e negociação verbal (FRIEDBERG; MC CLURE, 2004).

2.6 BENEFÍCIOS ADVINDOS COM O DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DA CRIANÇA

Segundo Kaplan e Sadock (2014), entre os aspectos mais importantes para se alcançar um desenvolvimento infantil saudável estão a competência social e emocional da criança. Corroborando a isso, Cunha; Rodrigues (2010), afirmam que o desenvolvimento de competências psicossociais se apresenta como um potencial fator de proteção ao

desenvolvimento infantil. Quanto mais hábil a criança for em reconhecer e identificar suas emoções, melhor será sua comunicação e reconhecimento empático das emoções dos outros, promovendo assim, autoestima, aceitação e apoio social. Salientam também que interações familiares emocionalmente sintonizadas revelam melhores resoluções de conflitos, menores níveis de hormônios do estresse e maior capacidade dos filhos de se acalmarem quando contrariados.

Para alcançar uma interação familiar harmônica e produtiva é necessário um estilo parental que priorize a monitoria positiva como prática educativa. Sabe-se que entre os benefícios advindos com tais práticas está justamente o desenvolvimento psicossocial da criança; onde o comportamento moral é visto como fator de proteção. Entre os determinantes do comportamento moral temos: empatia, honestidade, justiça, generosidade, sentimento de culpa, de vergonha e ausência de comportamento antissocial (GOMIDE 2006).

A competência social na infância, fruto de um repertório elaborado de HS como boa expressividade, habilidades de comunicação e desenvoltura nas interações sociais podem facilitar a amizade, o respeito, o status no grupo escolar e uma convivência mais agradável. Percebe-se uma correlação positiva entre CS e funcionamento adaptativo como rendimento acadêmico, responsabilidade, independência e cooperação. Trata-se a longo prazo, de um fator de proteção na trajetória de desenvolvimento infantil, pois aumenta a capacidade da criança lidar com situações adversas e estressantes, mantendo o humor, a empatia e a assertividade (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005).

2.7 FATORES DE RISCO ATRELADOS À SOCIALIZAÇÃO QUE PREJUDICAM O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Entre os fatores de risco atrelados à socialização que prejudicam o desenvolvimento infantil, encontram-se questões referentes as condições ambientais (familiar e escolar) restritivas ou inadequadas à aprendizagem de um desempenho socialmente competente. Nesse aspecto, não se deve levar em conta só a qualidade da interação proporcionada à criança, mas também as oportunidades de desempenho e aperfeiçoamento encontradas ao longo da vida (PETERSEN; WAINER, 2011). Sem esquecer que a gênese de problemas emocionais e comportamentais é multifatorial e vincula-se a fatores de risco da pessoa, da família e do ambiente.

No caso de transtornos depressivos infantis, segundo Murta (2007), identificam-se como fatores individuais de risco: déficits em habilidades sociais, fracasso escolar,

dificuldade de temperamento, doença física e estilo de enfrentamento negativo; como fatores cognitivos: baixa autoestima, imagem corporal negativa, expectativas pessimistas e baixa auto eficácia; fatores familiares de risco como: conflitos conjugais, depressão na família, negligência e maus tratos pelos pais; tendo ainda eventos de vida que representam risco: exposição à miséria, violência na comunidade e outras situações estressantes.

A autora refere ainda, similaridade nos fatores de risco desencadeantes da depressão e do transtorno de conduta no que se diz respeito às habilidades sociais educativas pobres entre os pais, práticas parentais inadequadas, rejeição pelos pais, doenças psiquiátricas familiares e estresse. Como fatores de risco específicos do Transtorno de conduta na criança, a autora cita: atrasos cognitivos e de linguagem, habilidades de leitura deficitárias, déficit em autocontrole, exposição a abuso físico, abuso de drogas pelos pais e criminalidade na família.

Sabe-se que em ambientes familiares com práticas educativas pautadas na punição inconsciente (em que os pais se orientam pelo estado de humor na hora de punir), negligência (ausência de atenção e afeto), disciplina relaxada, monitoria negativa (excesso de instruções independente de seu cumprimento) ou abuso físico, as chances de comportamento antissocial nos filhos é significativamente maior. Não só o estilo parental negativo, mas também a falta de apego, de afeto e a desestrutura no ambiente familiar contribuem para comportamentos de risco (GOMIDE, 2006).

Entre as condições desfavoráveis para a aprendizagem e para o aperfeiçoamento das HS podem se elencar alguns fatores descritos como: - dificuldade de discriminação e processamento / problemas de comportamento; falta de conhecimento sobre as normas e regras; falta de reforçamento; restrição de oportunidades e modelos; ausência de feedback; excesso de ansiedade interpessoal e problemas de comportamento concorrentes (PETERSEN; WAINER, 2011).

Como fator de risco atrelado à socialização que compromete aspectos cognitivos do funcionamento psicossocial da criança, encontram-se as crenças disfuncionais internalizadas ao longo do desenvolvimento do indivíduo. A forma como a criança e o adolescente constroem rótulos sobre si mesmo e como interpretam suas experiências, interferem não só em suas reações emocionais momentâneas, mas também na cristalização de possíveis esquemas disfuncionais a longo prazo, pois moldam profundamente o seu funcionamento psicossocial (FRIEDBERG; MC CLURE, 2004; KAPLAN; SADOCK, 2014).

Kaplan e Sadock (2014), enfatizam a importância de um olhar atento às experiências de desenvolvimento na determinação de problemas emocionais ou comportamentais atrelados ao papel da cognição como causador ou mantenedor de psicopatologias. Segundos tais

autores, a Teoria Cognitivo Comportamental (TCC), tão bem formulada por Aaron Beck, enfatiza que desde a primeira infância, através da interação no contexto familiar e social o sujeito desenvolve crenças centrais, autoesquemas e crenças de probabilidades condicionantes que interferem na tríade cognitiva (visão de si, visão de mundo e visão do outro). Quando se fala em psicopatologias dentro desta perspectiva, percebe-se um processo cognitivo composto por pensamentos automáticos negativos (cognições rápidas, sem análise racional) e atitudes ou crenças subjacentes disfuncionais (esquemas ou crenças centrais que regem o processamento de informações) que contribuem para a perturbação e sofrimento emocional.

Dentro desta perspectiva, o funcionamento psicossocial da criança pode ficar comprometido, justamente quando desenvolve crenças disfuncionais; ou seja, percepções equivocadas da realidade que ao longo dos anos foram sendo introjetadas e assimiladas como verdades absolutas, causando sofrimento e interferindo no desenvolvimento infantil. As crenças centrais podem ser: 1) Desamparo: a pessoa tem uma certeza (irracional/inconsciente) de que é incompetente e de que sempre será um fracassado; como exemplo de pensamento automático pode-se ter: sou inadequado, sou um fracasso, não tenho atitude; 2) Desamor: a pessoa tem a certeza (irracional/inconsciente) de que será rejeitada; exemplo de pensamento automático: sou diferente, não sou digno de amor; 3) Desvalor: a pessoa acredita ser inaceitável e sem importância; exemplo de pensamento automático: sou inaceitável, sou mau, não tenho valor, mereço morrer (BECK, 2013; WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

A TCC é uma abordagem que tem por base dois princípios centrais interligados: as cognições desempenhando influência controladora sobre as emoções e comportamentos; comportamentos, por sua vez, afetando padrões de pensamentos e emoções. Por volta de 1960, surgiram as primeiras formulações de Beck sobre depressão e ansiedade pautadas no papel do processamento de informações desadaptativos. Hoje, essa abordagem estende-se a transtornos alimentares, esquizofrenia, transtorno bipolar, transtorno do pânico, dor crônica, transtornos de personalidade e abuso de substâncias. Sempre partindo do pressuposto de que na gênese e no tratamento de transtornos psiquiátricos há interações complexas entre processos biológicos (ex: sistema neuroendócrino, genética e neurotransmissores), influências ambientais e interpessoais e elementos cognitivo-comportamentais (WRIGHT; BASCO; THASE, 2008).

Del Prette e Del Prette (2005), destacam que na psicopatologia infantil os problemas comportamentais e emocionais podem se manifestar a partir de dificuldades interpessoais. Segundo ele, um repertório pobre em habilidades sociais em termos de empatia, expressão de sentimentos e resolução de problemas, com correlatos cognitivos e emocionais como baixa –

autoestima, crenças disfuncionais, impulsividade geram dificuldades interpessoais e possíveis transtornos externalizantes (que se expressam em relação à outras pessoas) e internalizantes (que se expressam em relação a própria pessoa), tanto um quanto outro pode comprometer o desenvolvimento saudável da criança. Crianças que apresentam problemas externalizantes apresentam agressividade física e/ou verbal, comportamentos opostos ou desafiadores, condutas anti-sociais e comportamentos de risco; sendo normalmente, rejeitadas pelos pares. Já crianças que apresentam problemas internalizantes, geralmente possuem transtornos psicológicos como ansiedade, depressão queixas somáticas e fobia social com implicações sobre o isolamento social e o autoconceito; sendo normalmente negligenciados por seus pares.

O comprometimento do desenvolvimento saudável da criança fica mais evidente quando se trata de transtornos de comportamento expressos por agressividade, indisciplina e outras condutas antissociais. Geralmente estão associados a déficits em componentes da competência social (como baixo autocontrole, percepção equivocada dos fatos e normas e falta de empatia) ou associados a uma pseudocompetência (condutas desafiante, opositoras, coercitivas ou dissimuladas) que produzem consequências imediatas favoráveis, mas revelam comprometimento em aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicossocial do sujeito (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005).

Sabe-se que comportamentos anti-sociais decorrem de múltiplos fatores sociais e familiares; crianças submetidas a stress prolongado por exposição à pobreza extrema, abuso sexual, violência e doenças psiquiátricas parentais (como depressão e uso de drogas) associados à negligência, podem levar a ativação persistente de hormônios do stress, interferir no funcionamento adequado do sistema límbico e conseqüentemente prejudicar o desenvolvimento cognitivo da criança e a aprendizagem de habilidades sociais (ERICKMANN; et al, 2016).

2.8 MEIOS DE PROMOÇÃO DO REPERTÓRIO DE HABILIDADES SOCIAIS NA INFÂNCIA

Estudos evidenciam que o tipo de interação entre pais e filhos afeta significativamente o desenvolvimento da criança. Dentro dessa perspectiva pode-se destacar como meio de promoção do desenvolvimento infantil saudável um perfil parental autoritativo. Perfil este,

que se preocupa em estabelecer as regras respeitando as opiniões dos filhos, permitindo as diferenças, exigindo responsabilidade e cooperação. Trata-se de um ambiente familiar onde a disciplina é consequência do amor e carinho e não do poder e da autoridade parental. Geralmente esse estilo parental predispõem crianças com boa autoestima, com autonomia, assertividade e desenvoltura social. O sucesso das práticas parentais positivas tem por base uma interação que fornece aceitação emocional, contenção de comportamento, supervisão e modelagem pró-social (GOMIDE, 2006).

Como meios de promoção do repertório de HS na infância encontram-se a forma direta (com a criança) e a forma indireta (com pais e professores). Sabe-se que ensinar habilidades sociais aos pais visando alterar o comportamento dos filhos, é um meio de promoção, pois possivelmente estabelecerá condições para redução e prevenção de comportamentos antissociais. Nos programas para pais de modo geral são enfatizados: 1) identificação e alteração das interações que mantêm com os filhos em comportamentos problemáticos; 2) identificação, análise e modelagem de comportamentos não verbais com os filhos; 3) treino de habilidades sociais das mães e dos filhos; 4) avaliação de seus comportamentos (PERTERSEN; WAINER, 2011).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A metodologia utilizada nesta pesquisa, permitiu uma ampla avaliação não só do contexto de pesquisa, mas também das temáticas emergentes referentes ao objeto de estudo. Realizou-se uma revisão sistemática, através de um olhar crítico e qualitativo, buscando sintetizar as informações encontradas dentro de cada base de dados. Sempre respeitando os mesmos critérios de busca e catalogação para cruzar dados entre as plataformas e promover uma análise mais detalhada dos resultados.

Verificou-se que as bibliotecas virtuais selecionadas *BVS-PSI*, *PSYCINFO* E *SCIELO* são abrangentes quanto à área temática. Dentre todas, destacou-se a *BVS-PSI* devido o número de artigos relevantes disponíveis na íntegra e interface da plataforma; podendo inclusive, ser considerada como ferramenta única para otimização em outras buscas acadêmicas. Além da ampla disponibilização de artigos completos e gratuitos, essa plataforma agilizou o processo ao permitir uma única busca com todos os descritores. Em contraponto a *PSYCINFO*, apresentou-se com algumas dificuldades de acesso que tornaram o processo de pesquisa mais lento, sendo que seu acesso só foi possível via Portal de Periódicos *CAPES*, uma vez que não é uma plataforma gratuita. Entre as dificuldades de acesso destacam-se a transcrição dos descritores para inglês, a busca por combinações entre as palavras chaves e as limitações referentes as ferramentas de filtro de busca.

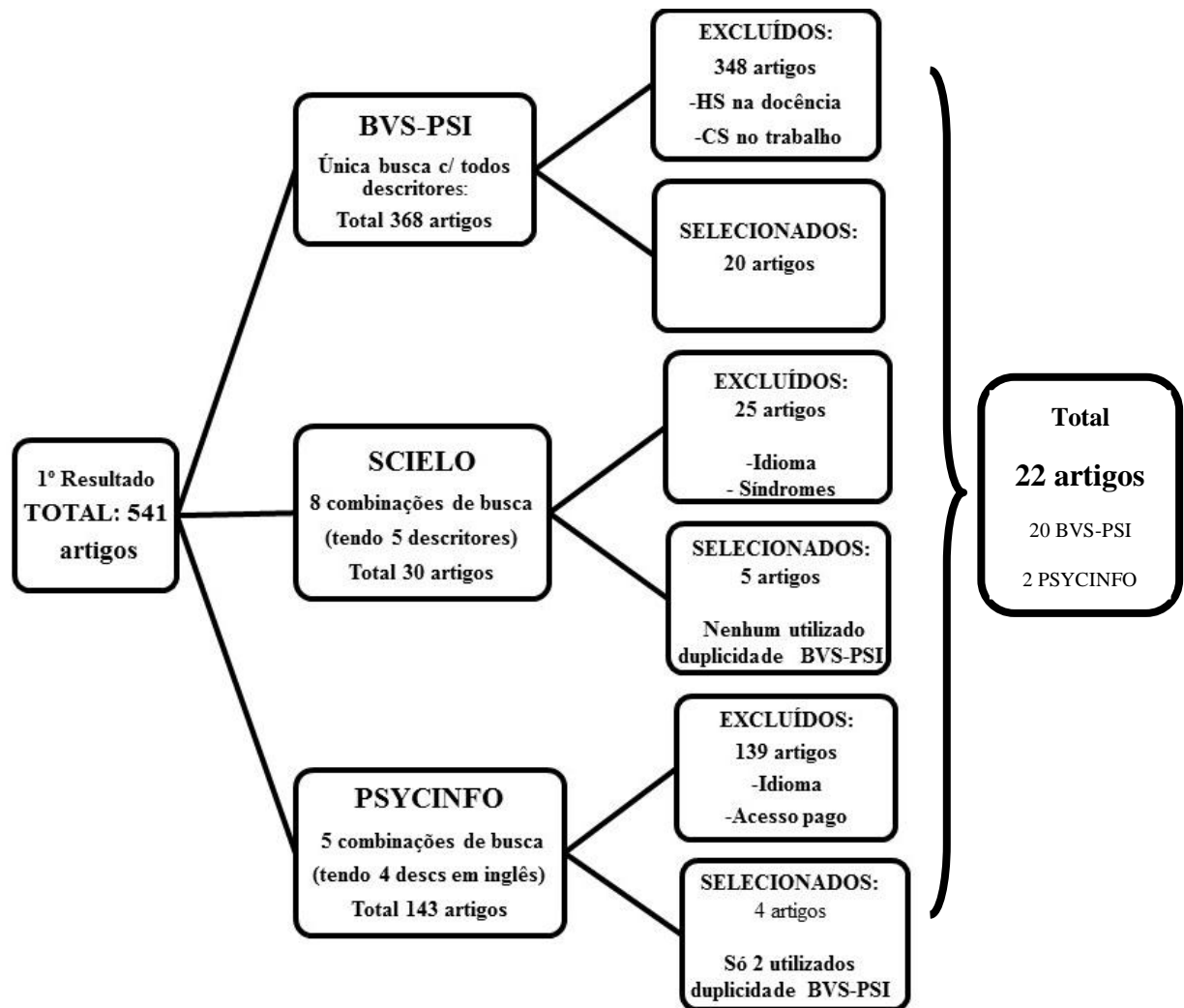
Já quanto a plataforma *SCIELO*, o maior infortúnio referiu-se a duplicidade e/ou escassez de material referente ao objeto desta pesquisa. Outro aspecto foi à dificuldade no manuseio da ferramenta de busca devido a necessidade de combinações entre descritores. Como ponto positivo, salienta-se que há facilidade no que se refere aos filtros de busca, nessa base de dados.

Reitera-se que os critérios de inclusão utilizados foram: 1) idioma: língua portuguesa; 2) publicações dos últimos 5 anos com acesso livre, incluindo os meses passados e o vigente, no momento da pesquisa, do ano de 2018; 3) estudos de revisão ou relato de pesquisa referente av. de habilidades sociais; e como critérios de exclusão: a) artigos não disponibilizados na íntegra pelas bases de dados selecionadas; b) artigos relacionados exclusivamente à adolescente, adultos ou idosos.

No total o corpo da pesquisa contou com 22 artigos entre as três plataformas pesquisadas, sendo em sua maioria relato de pesquisa referente a avaliação de HS com delineamento observacional; 20 artigos foram da *BVS-PSI*, 2 da *PSYCINFO* e nenhum da

SCIELO. Ressalta-se que o resultado da busca na *SCIELO* foi de 5 artigos, porém após seleção, todos foram descartados devido duplicidade. Na busca realizada na *PSYCINFO* o resultado foi de 4 artigos, porém 2 artigos, também foram descartados por duplicidade. A figura a seguir explicita o resultado de parte do processo de busca e seleção dos artigos.

Figura 3 - Resultado de parte do processo de seleção dos artigos.



Fonte: Do autor (2018)

Para facilitar a catalogação dos resultados fez-se inicialmente uma leitura dos títulos e resumos dos artigos selecionados em cada base de dados. O intuito de tal leitura foi estabelecer quais seriam as temáticas em comum capazes de agrupar os artigos e promover posteriormente uma análise qualitativa entre as bases de dados estabelecidas. Definiu-se como critérios de agrupamento as seguintes subclassificações com seus respectivos temas emergentes:

- 1) Temática do artigo:
 - 1.1) Avaliação de instrumentos que mensuram Habilidades Sociais;
 - 1.2) Pesquisa no contexto escolar e desenvolvimento infantil;
 - 1.3) Psicologia e desenvolvimento;
 - 1.4) Parentalidade/intervenções familiares e Competência Social;
- 2) Ano de publicação do artigo;
- 3) Região do Brasil e ou País de origem do artigo;

Segundo Caballo (2003), o estudo científico e sistemático no campo das HS iniciou nos Estados Unidos e Inglaterra, sendo que o primeiro trabalho foi realizado por Salter em 1949, intitulado “Terapia de reflexos condicionados”, influenciado pelos estudos de Pavlov sobre a atividade nervosa superior. Posteriormente tivemos Wolpe em 1958, instituindo o termo “Assertividade” e assim, paulatinamente desenvolveram-se estudos nessa área. Por volta de 1970 substituiu-se o termo “Comportamento Assertivo” pelo termo “Habilidades Sociais” (já usado na Inglaterra, embora sob outra perspectiva). A partir desta década surgiram os primeiros programas de treinamentos para reduzir déficits em habilidades sociais; sendo que desde então, estudos que contemplem na prática, a avaliação e treinamento de HS ainda são necessários.

No que se refere ao contexto brasileiro é notório que a temática Habilidades Sociais ganhou força nas duas últimas décadas com as produções de Zilda e Almir Del Prette. Ainda hoje são poucos os autores que se dedicam exclusivamente a esse tema. Geralmente as pesquisas referentes as HS estão atreladas à transtornos psicológicos específicos, práticas parentais, relações interpessoais no trabalho ou educação escolar.

Entre os desdobramentos do estudo das HS, o campo teórico-prático do Treinamento de Habilidades Sociais (THS) vem trazendo grandes inovações tecnológicas através dos recursos multimídia. No Brasil o precursor foi Del Prette através do RMHSC-Del –Prette, especialmente dedicado à infância e adolescência. Estudos experimentais evidenciam a eficácia de programas alternativos de intervenção através de jogos interativos, vídeos, filmes e desenhos, pois propiciam maior “concretude” à análise não só na identificação dos antecedentes e das consequências que controlam o comportamento, mas também da multiplicidade de alternativas de desempenho social diante de uma mesma situação.

Comprovou-se maior adesão e aceitabilidade social, pois o caráter lúdico dos recursos alternativos permite envolvimento ativo da criança na aprendizagem das HS. Além é claro do fato de proporcionar diversão e experiência de controle da situação ao participante. Sua potencial contribuição está atrelada a eficácia do programa em população com baixo rendimento acadêmico. Estudos empíricos comprovam correlação positiva entre habilidades sociais e desempenho acadêmico em diferentes faixas etárias; o que possibilita considerar as HS como preditores do rendimento acadêmico (LOPES; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2013). Evidenciando assim que a promoção de HS favorece não só a competência social, mas também o desempenho escolar, ambos considerados fatores de proteção ao desenvolvimento saudável da criança.

O modelo interpessoal da Psicologia do Desenvolvimento, está particularmente atrelado à temática das HS, pois as interações sociais ganham papel fundamental no processo de aprendizagem, adaptação e conseqüente desenvolvimento humano. A partir do momento em que a criança começa a interagir com seu meio, o processo de aperfeiçoamento do repertório de habilidades sociais torna-se necessário. Classes específicas de comportamento possibilitam ao indivíduo maiores condições de lidar de forma competente com as demandas das situações interpessoais. Favorecendo assim, um relacionamento saudável e produtivo. Deste modo, a disponibilidade de um repertório de HS é condição necessária, ainda que não suficiente para um desempenho interpessoal satisfatório (CASALI; *et al.*, 2015).

Ao longo do desenvolvimento humano vários aspectos do funcionamento inter e intrapessoal perpassam momentos de adaptação e/ou ajustamento criativo no qual se permite a competência social. A criança precisa adquirir, simultaneamente, capacidade de leitura das próprias demandas, e dos que com ela interagem, de forma coordenada e flexível, sobre afetos, comportamentos e cognições. Isso resultará na capacidade de adaptação do indivíduo (SANTOS; *et al.*, 2015). Embora não se tenha encontrado explicitamente estudos que vinculem a base teórica da abordagem Cognitivo Comportamental com esse processo de aquisição de Competência Social (CS), supõem-se correlação direta; uma vez que ao adquirir valência emocional negativa na fase inicial de socialização, a criança pode vir a desenvolver pensamentos automáticos negativos e crenças subjacentes disfuncionais. Tais percepções equivocadas podem interferir na tríade cognitiva da criança; ou seja, a visão de si, a visão do mundo e a visão do outro, poderá ficar negativada e acarretar em perturbação e sofrimento mental. Esses fatores, no futuro, tornam-se vulnerabilidades cognitivas e afetam a habilidade para resolução de problemas.

Dentro dessa perspectiva, um dos desdobramentos do estudo das HS se vincula à importância dos estilos parentais no processo de desenvolvimento infantil, conforme referenciado no corpo teórico da presente pesquisa. Entre os resultados encontrados evidencia-se questões referente à correlação CS e parentalidade. Segundo Brigas e Machado (2014), ao examinar os critérios de qualidade necessários aos programas de apoio psicossocial às famílias como (*Incredible Years, High Scope e Fast Track, 2014*) dos Estados Unidos e Canadá, verificou-se que os mecanismos familiares necessários para estimular o desenvolvimento de CS nas crianças perpassam pela teoria do apego e práticas parentais. A teoria do apego traz como foco a consolidação, na criança, do sentimento de confiança em si mesma, para que no futuro seja capaz e tenha desejo de explorar o mundo e conviver com outros. Em relação a prática parental enfatiza-se a sensibilidade dos pais em responder de forma estável, zelosa e coerente as demandas da criança, tanto não âmbito da própria interação social quanto no desenvolvimento. O que reitera o modelo teórico pautado no estilo parental, proposto por Gomide (2006), onde as práticas parentais pautadas na monitoria positiva (atenção adequada, estabelecimento de regras, afeto seguro e acompanhamento contínuo) são fatores de proteção para uma trajetória de desenvolvimento saudável.

Voltando ao processo sistemático da presente pesquisa, salienta-se que a primeira base de dados a ser pesquisada foi a *BVS-PSI* sendo que, de acordo com a ferramenta de busca desta plataforma, realiza-se a busca de uma única vez com todos os descritores incluídos; “HABILIDADES SOCIAIS OR COMPETÊNCIA SOCIAL AND DESENVOLVIMENTO INFANTIL OR DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AND TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL”. Foram encontrados 368 artigos, sendo que deste total apenas 20 enquadraram-se nos critérios de inclusão e exclusão. Salienta-se que dentre os artigos excluídos desta base de dados, as temáticas predominantes foram: habilidades sociais na formação de docentes; competência social no trabalho.

A segunda plataforma da pesquisa foi a *SCIELO* onde a busca teve que ser dividida em 8 combinações, pois não se obteve resultado algum fazendo em uma única combinação de descritores. Chegou-se a um total de 30 artigos no primeiro crivo (ver tabela 1), porém após leitura prévia restaram apenas 5 devido critérios de exclusão; sendo que posteriormente todos foram excluídos, pois já haviam aparecido na *BVS-PSI*. Salienta-se que nessa base de dados a maior exclusão inicial, foi devido idioma, temática referente à desenvolvimento motor e síndromes. A tabela a seguir explicita as combinações de descritores realizada nessa base de dados.

Tabela 1 - Combinações de descritores na base de dados SCIELO.

Combinações	Nº de artigos encontrados	Nº de artigos selecionados
1ª HS AND Desenvolvimento Infantil	16	4
2ª CS AND Desenvolvimento da Criança	5	2 *
3ª Desenvolvimento Infantil AND TCC	0	0
4ª Desenvolvimento da Criança AND TCC	0	0
5ª TCC AND HS	1	0
6ª TCC AND CS	0	0
7ª CS AND Desenvolvimento Infantil	5	0
8ª HS AND Desenvolvimento da Criança	3	0
TOTAL	30	5

Fonte: Do autor (2018)

*1 artigo se repetiu entre as combinações nessa plataforma.

Conforme tabela acima, na base de dados *SCIELO* foram encontrados 5 artigos dentro dos requisitos de inclusão e exclusão, sendo que 1 se repetiu entre as combinações dessa plataforma, e todos já haviam sido encontrados na biblioteca virtual *BVS-PSI*. Logo, não se fez necessário análise detalhada referente à temática do artigo, ano de publicação ou origem dos dados encontrados nessa plataforma.

Como última plataforma tivemos a *PSYCINFO*, como já mencionado, o acesso foi via Portal de Periódicos Capes; sendo que para executar a pesquisa nessa plataforma primeiro foi necessário a tradução dos descritores para inglês e posterior confirmação destes, com as palavras chaves da *PSYCINFO*. Chegou-se assim, aos seguintes descritores: “CHILDHOOD DEVELOPMENT, COGNITIVE BEHAVIOR THERAPY, SOCIAL SKILLS/SOCIAL COMPETENCE.” De acordo com a ferramenta de busca dessa plataforma, foi necessário o estabelecimento de 5 combinações, tendo num primeiro momento 143 resultados que após submissão aos critérios de exclusão reduziu-se para 4 artigos, sendo que 2 já haviam aparecido na *BVS-PSI*. Ressalta-se que os fatores de maior exclusão dessa base de dados foram idioma e acesso pago. A tabela a seguir mostra as combinações realizadas nessa base de dados.

Tabela 2 - Combinações de descritores na base de dados *PSYCINFO*.

Combinações	Nº de artigos encontrados	Nº de artigos selecionados
1ª Childhood Development AND Social Skills	98	4
2ª Childhood Development AND Social Competence	23	0
3ª Childhood Development AND Cognitive Behavior Therapy	17	0
4ª Cognitive Behavior Therapy AND Social Skills	4	0
5ª Cognitive Behavior Therapy AND Social Competence	1	0
TOTAL	143	4*

Fonte: Do autor (2018)

*2 artigos já haviam sido encontrados na *BVS-PSI*.

Salienta-se que em virtude de 2 artigos, dos 4 resultados dessa plataforma, já terem sido encontrados em outro banco de dados, a análise detalhada referente à temática do artigo, ano de publicação e origem, foi realizada somente em relação aos 2 artigos inéditos.

No que se refere a subclassificação temática na *BVS-PSI* a grande maioria dos artigos encontrados referiam-se à “Pesquisa no contexto escolar e Desenvolvimento Infantil”, com 65% (13 de 20 artigos); sendo 5 artigos de relato de pesquisa referente a avaliação de HS em formato de estudo experimental e 8 com delineamento observacional. A segunda temática foi “Avaliação de Instrumentos que mensuram HS”, com 15% (3 de 20 artigos); sendo 1 estudo experimental e 2 estudos de revisão comparativa de indicadores psicométricos. Já nas temáticas: “Psicologia e Desenvolvimento Infantil” (tivemos 2 artigos de revisão) e “Parentalidade e/ou Intervenções familiares X Competência Social Infantil” (tivemos 1 artigo de revisão e 1 relato de pesquisa com delineamento observacional), sendo que ambas temáticas apresentaram o mesmo índice de 10% (2 de 20 artigos). A tabela a seguir explicita a classificação temática dos artigos encontrados na *BVS-PSI*.

Tabela 3 - Subclassificação temática dos resultados encontrados na plataforma *BVS-PSI*.

Subclassificação temática	Nº de artigos	Porcentagem
1.1) Pesquisa no contexto escolar e desenvolvimento infantil	13	65%
1.2) Av. de Instrumentos que Mensuram HS	3	15%
1.3) Psicologia e Desenvolvimento	2	10%
1.4) Parentalidade/intervenções familiares e CS	2	10%
TOTAL	20	100%

Fonte: Do autor (2018)

Já na subclassificação temática os dois artigos inéditos encontrados na base de dados *PSYCINFO* foram equivalentes à “Pesquisa no contexto escolar e desenvolvimento infantil” (50%, 1 de 2 resultados) e a temática “Psicologia e Desenvolvimento” também com 50% (1 de 2 artigos), sendo os dois artigos relato de pesquisa com delineamento observacional. Conforme explicita a tabela a baixo.

Tabela 4 - Subclassificação temática dos resultados encontrados na plataforma *PSYCINFO*.

Subclassificação temática	Nº de artigos	Porcentagem
1.2) Pesquisa no contexto escolar e desenvolvimento infantil	1	50%
1.3) Psicologia e Desenvolvimento	1	50%
TOTAL	2	100%

Fonte: Do autor (2018)

Ao realizar um quadro geral dos resultados, percebeu-se que a grande maioria dos artigos encontrados foram estudos com metodologia de relato de pesquisa referente a avaliação de HS com caráter observacional, cuja temática se referia ao desenvolvimento infantil atrelado à pesquisa no contexto escolar (63,63%, 14 de 22 artigos). Logo, esse foi o foco da análise no presente estudo; ficando para um outro estudo, o detalhamento das temáticas não tão significativas.

Essa análise qualitativa referente a temática predominante, reitera as asserções de Del Prette e Del Prette (2005), sobre a necessidade de um papel ativo por parte da escola na promoção de intervenções que facilitem o desenvolvimento de habilidades sociais infantis.

O investimento da escola na promoção de habilidades sociais pode ser defendido com base em pelo menos três argumentos: (A) a função social da escola; (B) as evidências de relação entre habilidades sociais e desempenho acadêmico; (C) as políticas de inclusão (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, p. 63).

Evidencia-se também a importância do contexto escolar para ampliação do microsistema familiar, pois a criança ao ingressar na escola está tendo a possibilidade de diversificar sua interação social. Sabe-se que tarefas e desafios decorrentes da convivência em ambiente coletivo são difíceis para as crianças, devido sua imaturidade cognitiva e dificuldade de autoregulação emocional. Porém, tais demandas estabelecidas pela escolarização desenvolvem ajustamentos, estabelecem relações de companheirismo entre os pares e necessidades de atender às expectativas acadêmicas.

A segunda análise realizada referente ao agrupamento dos resultados obtidos entre as plataformas referiu-se ao ano de publicação dos artigos. O ano de maior publicação na base de dados da BVS-PSI foi 2014 com representatividade de 30% (7 de 20 artigos). Em segundo lugar ficou o ano de 2016 com 25% (6 de 20 artigos), em terceiro lugar tivemos os anos de 2013, 2015 e 2017 com o mesmo número de publicações, cada ano atingiu 15% (3 de 20) do total de publicações obtidas. A tabela a seguir explicita o índice anual de publicações selecionadas na *BVS-PSI*.

Tabela 5 - Índice anual das publicações selecionadas na *BVS-PSI*.

Ano de Publicação	Nº de artigos	Porcentagem
2014	7	30%
2016	6	25%
2013	3	15%
2015	3	15%
2017	3	15%
TOTAL	20	100%

Fonte: Do autor (2018)

Já no que se refere a análise quanto ao ano de publicação dos dois artigos inéditos da *PSYCINFO* tivemos 2013 e 2015. Conforme tabela abaixo:

Tabela 6 - Índice anual de publicações selecionadas na *PSYCINFO*.

Ano de Publicação	Nº de artigos	Porcentagem
2013	1	50%
2015	1	50%
TOTAL	2	100%

Fonte: Do autor (2018)

Percebe-se que o ano de maior publicação ao analisar todos os resultados, independente de plataforma, foi o ano de 2014 com 7 publicações, seguido de 2016 com 6 artigos, 2013 e 2015 com 4 resultados e por último 2017 com 3 artigos; sendo que o ano de 2018 até o momento, não apresentou nenhuma publicação. Porém a análise do histórico predispõe uma regularidade nas publicações, o que gera estabilidade de pesquisa ao objeto de estudo.

Conforme mencionado anteriormente realizou-se também uma análise referente a origem dos artigos da pesquisa. A maioria dos artigos da plataforma *BVS-PSI*, nossa base

mais representativa, são de origem brasileira com 80% (16 de 20 artigos), sendo que a região Sudeste do Brasil, é a responsável pela maior publicação tendo 65% (13 de 20) artigos encontrados. A região Norte do Brasil tem 5% (1 de 20) assim como a região Nordeste e Sul detém 5% (1 de 20) da publicação cada uma. O segundo maior índice de publicação encontrado no corpo da pesquisa dessa plataforma, foi de origem Portuguesa (com publicações em português), contando com 15% (3 de 20) do total de artigos encontrados na *BVS-PSI*. Outro país também presente nesta plataforma foi o Canadá, com publicações em português, tendo 5% (1 de 20) de representatividade, conforme explicitação na tabela a seguir.

Tabela 7 - Região e/ou país de origem das publicações selecionadas na *BVS-PSI*.

Região e ou País	Nº de artigos	Porcentagem
Sudeste do Brasil	13*	65%
Norte do Brasil	1*	5%
Nordeste do Brasil	1*	5%
Sul do Brasil	1*	5%
Portugal	3	15%
Canadá	1	5%
TOTAL	20	100%

Fonte: Do autor (2018)

*Brasil com 80% do total *BVS-PSI*.

De forma complementar, relata-se que os resultados obtidos na *PSYCINFO* foram de origem Brasileira, sendo um da região Sudeste e outro da região Sul do país, conforme tabela a baixo.

Tabela 8 - Região e/ou país de origem das publicações da *PSYCINFO*

Região e ou País	Nº de artigos	Porcentagem
Sudeste do Brasil	1	50%
Sul do Brasil	1	50%
TOTAL	2	100%

Fonte: Do autor (2018)

Como já era de se esperar o maior índice de publicações encontradas é da região Sudeste do Brasil; o que se justifica não só pelo fato de ser essa a região de dois dos maiores escritores referenciados na Psicologia Brasileira, quando o assunto é Habilidades Sociais; Zilda A.P. Del Prette e Almir Del Prette, mas também por ser a região com maior representatividade de revistas científicas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande questionamento norteador desta pesquisa centrou-se nas relações que podem ser estabelecidas entre as habilidades sociais da criança e o desenvolvimento infantil, a partir de um enfoque Cognitivo Comportamental. As análises bibliográficas atuais apresentaram resultados satisfatórios, pois não só confirmam o referencial teórico do corpo da pesquisa, mas também cristalizam o tema HS como fundamental ao desenvolvimento saudável da criança.

Entre as variáveis que afetam o desenvolvimento infantil está justamente o processo de aquisição de competência social (efetividade nas interações sociais), processo esse que inicia na infância através das habilidades sociais (conjunto de comportamentos que permitem o desempenho social ajustado) e estende-se por toda a vida. Os autores apontam o aprendizado constante como necessário para aquisição e manutenção de um repertório adequado de habilidades sociais, principalmente devido as frequentes mudanças nas contingências sociais da pós-modernidade; essas mudanças muitas vezes geram ambivalências até mesmo nos adultos. Porém, mesmo sem propiciar apoio e condições adequadas de aprendizagem, muitas vezes a dinâmica familiar e social exige das crianças de forma muito rápida, competência para administrar conflitos de valores em situações interpessoais de aceitação-rejeição e capacidade de resiliência.

Diante dos resultados encontrados ao longo do estudo, fica evidente a importância de um ambiente familiar de cuidado e suporte. Tal ambiente deve contar com práticas educativas parentais de monitoria positiva capazes de promover habilidades socioemocionais nas crianças, assim como uma interação congruente entre família e escola na promoção do desenvolvimento interpessoal infantil. A presença predominante do ambiente escolar atrelado ao desenvolvimento infantil valida os preceitos de que o contexto escolar, além de favorecer as interações entre os pares, estimula a função de suporte social no próprio grupo de pares quando em situações de conflito interpessoal. Isto, conseqüentemente, adquire valor preditivo positivo atrelado ao desenvolvimento infantil saudável.

Evidencia-se assim, a potencialidade de estudo direcionado que a psicologia pode vir a desenvolver ao fomentar mais pesquisas que investiguem o impacto das habilidades sociais para o desenvolvimento infantil. O aprofundamento da produção científica nessa temática, pode trazer desdobramentos não só para a prática psicológica, mas também para o âmbito social e educacional, pois promove o desenvolvimento humano e a qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- BECK, Judith S. **Terapia cognitivo comportamental teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Artmed, 2013.
- BIGRAS, Marc; MACHADO, Andréa da Luz. Apontamentos e reflexões sobre programas de apoio familiar que favorecem a competência social da criança. **Ciênc. saúde coletiva**, Mar 2014, vol.19, no.3, p.663-672. ISSN 1413-8123.
- BOCK, Ana Mercedes Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lurdes Trassi. **Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini et al. Contexto escolar: práticas educativas do professor, comportamento e habilidades sociais infantis. **Psicol. Esc. Educ.**, Dez 2013, vol.17, no.2, p.259-269. ISSN 1413-8557.
- BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- CABALLO, V. E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Santos Editora, 2003.
- CASALI-ROBALINHO, Ivana Gisel; DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira; DEL PRETTE, Almir. Habilidades Sociais como Preditores de Problemas de Comportamento em Escolares. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Set 2015, vol.31, no.3, p.321-330. ISSN 0102-3772.
- COELHO, Edgar Pereira. **Lev Semionovich Vygotsky / Ivan Ivic**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- DAMÁSIO, Bruno Figueiredo; *et al.* Mensurando Habilidades Socioemocionais de Crianças e Adolescentes: Desenvolvimento e Validação de uma Bateria (Nota Técnica). **Trends Psychol.**, Dez 2017, vol.25, no.4, p.2043-2050. ISSN 2358-1883.
- DEL PRETTE, A; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: teoria e prática**. Petrópolis - RJ: Vozes Editora, 2005.
- DIAS, Anelise Silva. Habilidades sociais no Brasil. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Jun 2006, vol.10, no.1, p.141-143. ISSN 1413-8557.
- DIAS, Talita Pereira; PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del; PRETTE, Almir Del. Desempenho Social de Pré-escolares em Situações Estruturadas: Estimativas de Mães e Professoras. **Psic. Teor. e Pesq.**, 2017, vol.33. ISSN 0102-3772.
- DIAS-CORRÊA, J. P; MARTURANO, E. M; RODRIGUES, M. C; NAHAS, A. K. Efeito de um Programa de Histórias com Abordagem Sociocognitiva em Crianças de Educação Infantil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 32 n. 4, pp. 1-9 2016.

DIAS-CORRÊA, Jaqueline Pereira; *et al.* Efeito de um Programa de Histórias com Abordagem Sociocognitiva em Crianças de Educação Infantil. **Psic.: Teor. e Pesq.**, 2016, vol.32, no.4. ISSN 0102-3772.

EICKMANN, S. H; EMOND A. M; LIMA, M. Evaluation of child development: beyond the neuromotor aspect. **Journal Pediatr.** Rio de Janeiro. Vol 92. Nº. 3 p. 71-83. 2016.

ELIAS, Luciana Carla dos Santos; MARTURANO, Edna Maria. Eu posso resolver problemas e oficinas de linguagem: intervenções para queixa escolar. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Mar 2014, vol.30, no.1, p.35-44. ISSN 0102-3772.

EUGÊNIO, Tiago José Benedito. Um olhar evolucionista para os mecanismos cognitivos associados às trocas sociais. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Mar 2013, vol.29, no.1, p.71-78. ISSN 0102- 3772

FREITAS, Lucas Cordeiro; PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del. Categorias de necessidades educacionais especiais enquanto preditoras de déficits em habilidades sociais na infância. **Psicol. Reflex. Crit.**, Dez 2014, vol.27, no.4, p.658-669. ISSN 0102-7972.

FRIEDBERG, Robert D; MCCLURE, Jessica M. **A Prática Clínica de Terapia Cognitiva Com Crianças e Adolescentes.** São Paulo: Artmed, 2004.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de Estilos Parentais. Modelo teórico: manual de aplicação, apuração e interpretação.** Petrópolis: Vozes. 2006.

JÚNIOR, F. L; GUZZO, R. S. L. Prevenção primária: análise de um movimento e possibilidades para o Brasil. **Interação em Psicologia.** 9(2), 239-249. 2005

KAPLAN, H. I; SADOCK, B. J. **Compêndio de Psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica.** 11ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

LEME, Vanessa Barbosa Romera; *et al.* Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. **Psicol. Soc.**, Abr 2016, vol.28, no.1, p.181-193. ISSN 0102-7182.

LEME, Vanessa Barbosa Romera; MARTURANO, Edna Maria. Preditores de comportamentos e competência acadêmica de crianças de famílias nucleares, monoparentais e recasadas. **Psicol. Reflex. Crit.**, Mar 2014, vol.27, no.1, p.153-162. ISSN 0102-7972.

LOPES, Daniele Carolina; PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del; PRETTE, Almir Del. Recursos multimídia no ensino de habilidades sociais a crianças de baixo rendimento acadêmico. **Psicol. Reflex. Crit.**, 2013, vol.26, no.3, p.451-458. ISSN 0102-7972.

LUZ, Giordana Machado da; KUHNEN, Ariane. O uso dos espaços urbanos pelas crianças: explorando o comportamento do brincar em praças públicas. **Psicoinfo.** 2015. vol 87. n 01. p.

MANCINI, Marisa Cotta; SAMPAIO, Rosana Ferreira. Quando o objeto de estudo é a literatura: Estudos de Revisão. **Rev. bras. fisioter.** São Carlos. v. 10, n. 4, p. 361-472, out./dez. 2006.

MELO, Marta; PEREIRA, Graça; SILVÉRIO, Jorge. Impacto de um programa de competências em alunos do 2º ciclo de escolaridade. **Psicol. Esc. Educ.**, Jun 2014, vol.18, no.1, p.113-123. ISSN 1413-8557.

MONTIEL, José Maria; BARTHOLOMEU, Daniel. Contribuições do Modelo de Rasch para Procedimentos de Intervenção em Habilidades Sociais. **Psico-USF**, Abr 2016, vol.21, no.1, p.37-47. ISSN 1413-8271.

MURTA, S. G. Programas de prevenção a problemas emocionais e comportamentais em crianças e adolescentes: lições de três décadas de pesquisa. **Psicologia Reflexão e Crítica**. 20(1), 1-8. 2007.

OMS – Organização Mundial de Saúde. *Life skills education for children and adolescents in schools*. Geneve: OMS, 1997.

PETERSEN, C.S.; WAINER, R. (org.). **Terapia Cognitivo-Comportamental para crianças e adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIZATO, Elaine Cristina Gardinal; MARTURANO, Edna Maria; FONTAINE, Anne Marie Germaine Victorine. Trajetórias de habilidades sociais e problemas de comportamento no ensino fundamental: influência da educação infantil. **Psicol. Reflex. Crit.**, Mar 2014, vol.27, no.1, p.189-197. ISSN 0102-7972.

PIZATO, Elaine Cristina Gardinal; MARTURANO, Edna Maria; FONTAINE, Anne Marie Germaine Victorine. Preditores de desempenho escolar no 5º ano do ensino fundamental. **Psicoinfo**. Jan Mar 2015, vol.46, no.1, p.16-24.

RODRIGUES, M. C. **Concepções docentes pré-escolares sobre teorias da mente e sócio-cognitivas aplicadas (Histórias infantis)**. Tese de doutorado. Campinas – SP: IP/PUC-CAMPINAS, 2004.

RODRIGUES, M. C., CUNHA, N. O Desenvolvimento de competências psicossociais como fator de proteção ao desenvolvimento Infantil. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina**. Vol. 1. Nº. 2. p. 235-248. 2010.

RODRIGUES, M. C; ITABORAHY, C. Z; PEREIRA, M. D; GONÇALVES, T. M. C. Prevenção e Promoção de Saúde na Escola: Concepções e Práticas de Psicólogos Escolares. Gerais. **Revista Interinstitucional de Psicologia**. 1(1), 67-78. 2008

SANTOS, António J. *et al.* O reduzido envolvimento social: implicações para o ajustamento psicossocial de crianças em contexto pré-escolar. **Psicol. Reflex. Crit.**, Mar 2015, vol.28, no.1, p.186-193. ISSN 0102-7972.

SILVA, Thaciana Araujo da; CAVALCANTE, Lilia Iêda Chaves. Habilidades Sociais e Características Pessoais em Escolares de Belém. **Psicol. Reflex. Crit.**, Dez 2015, vol.28, no.4, p.850-858. ISSN 0102-7972.

SOUSA, Mariana Lopes de; CRUZ, Orlanda. A Relação entre as Representações acerca das Figuras Parentais e as Competências Sociais em Crianças Maltratadas e não Maltratadas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, 2016, vol.32, no.2. ISSN 0102-3772.

STIVANIN, Luciene; CARNIO, Maria Silvia. Efeitos de um programa de linguagem no funcionamento social de crianças do Ensino Fundamental. **CoDAS**, 2017, vol.29, no.5. ISSN 2317-1782.

THIENGO, Daianna Lima; CAVALCANTE, Maria Tavares; LOVISI Giovanni Marcos. Prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes e fatores associados: uma revisão sistemática. **Jornal Bras Psiquiatr.** 63(4):360-72. 2014

WADSWOETH; Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget.** 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 2003.